

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Rússia estende veto à exportação de diesel

Dependente das importações, Brasil busca novos fornecedores

/ RÚSSIA

O governo da Rússia estendeu nesta quinta-feira o veto à exportação de óleo diesel e gasolina até o dia 31 de janeiro de 2027. Produtores russos poderão voltar a vender diesel, mas não intermediários, a partir de 1º de setembro. O embargo total, iniciado no dia 8 passado, iria expirar nesta sexta.

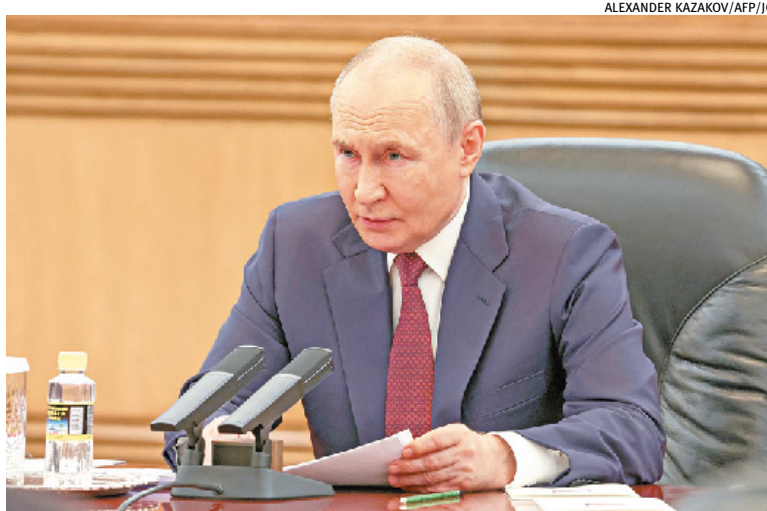
A medida afeta diretamente o Brasil, que até junho tinha no país de Vladimir Putin seu principal fornecedor de diesel. Naquele mês, os russos responderam por 57% dos embarques do derivado de petróleo para o mercado nacional, que depende de importações para 30% de sua demanda.

Em maio, a participação da Rússia era de 90%, mas o veto de julho fez despencar as vendas. A estimativa preliminar da Abicom (Associação Brasileira de Importadores de Combustíveis) é que o índice ficará abaixo dos 15% neste mês.

O espaço vem sendo ocupado por outros fornecedores, Estados Unidos à frente. O país de Donald Trump, segundo a Abicom, deve abocanhar mais de 80% deste mercado de diesel importado.

A invasão russa da Ucrânia, há quase quatro anos e meio, era o motor do domínio de Moscou até então. Com as sanções ocidentais, o país europeu precisou oferecer petróleo e derivados com descontos a outros mercados.

Com isso, até maio, o Brasil assumiu o terceiro lugar como maior



ALEXANDER KAZAKOV/AFP/IC

Novos ataques ucranianos obrigaram Putin a acionar medidas de emergência

comprador global de diesel russo, com 11% das importações segundo o norueguês Centro de Pesquisa em Energia e Ar Limpo. A mesma guerra agora promove o movimento inverso, para o constrangimento da Rússia, terceira maior produtora global de petróleo.

A campanha de ataques com drones e mísseis de longo alcance contra refinarias russas, iniciada há dois meses pela Ucrânia, provocou desabastecimento nas bombas. Putin determinou medidas de emergência, entre elas o veto à exportação dos derivados –inicialmente até o fim do mês, agora estendido.

As normas editadas pelo governo preveem que produtores como a estatal Rosneft poderão vender diesel e combustível marinho, mas não gasolina, já a partir de setembro.

Muitas das vendas para o Bra-

sil, contudo, são feitas por intermediários para escapar do risco de sanções secundárias, e eles seguirão proibidos de negociar até 2027.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, cada quilo de diesel russo importado no primeiro semestre custou em média R\$ 0,15 a menos do que o produto americano.

A manutenção da guerra entre EUA e Irã já havia feito o governo federal decidir manter o subsídio de R\$ 1,12 por litro ao derivado implementado em maio. A medida seria revista em agosto, e o novo cenário russo não deverá alterar a equação. O preço, de todo modo, seguirá pressionado devido aos fatores geopolíticos. O diesel é vital para a engrenagem econômica nacional. Cerca de 65% do transporte de cargas no Brasil é feito com caminhões a diesel.

Irã ataca duas bases militares dos EUA, destrói jatos e deixa mortos

/ ORIENTE MÉDIO

O Irã atacou, nesta quinta-feira, duas bases militares dos Estados Unidos no Oriente Médio, destruiu jatos norte-americanos e deixou mortos. A Guarda Revolucionária do Irã disse ter atacado bases dos EUA na Jordânia e no Kuwait. Em nota, o grupo afirmou ter destruído completamente três jatos F-35, além de danificar outras três aeronaves, que estavam estacionadas na base aérea de Azraq, na Jordânia.

Sem citar números, a Guarda Revolucionária falou em “vários mortos”. “Os ataques com vários mísseis balísticos causaram danos severos a aeronaves e deixaram vários oficiais, além de pessoal técnico e de manutenção do inimigo, mortos”, diz o comunicado.

O ataque foi em resposta aos bombardeios feitos pelos EUA, disse o grupo islâmico. Ontem, Washington retomou os ataques em território iraniano e matou pelo menos três membros da Guarda Revolucionária iraniana.

Jatos destruídos são aeronaves militares ultramodernas. Essas ae-

ronaves têm preço elevado e custam cerca de R\$ 511 milhões cada unidade. Até o momento, os EUA não se manifestaram sobre esse ataque. Em meio ao aumento das hostilidades no Oriente Médio, o Irã também deve reforçar seu sistema de defesa aérea. Teerã deverá receber nas próximas semanas sistemas portáteis de defesa antiaérea (Manpads) fornecidos pela China, segundo a agência de notícias Reuters.

Os equipamentos são capazes de derrubar aeronaves que voam em baixa altitude, como helicópteros, drones e alguns aviões durante decolagens e pousos. Conforme a Reuters, as entregas começaram a ser negociadas após o cessar-fogo com Israel e parte do pagamento deverá ser feita com remessas de petróleo iraniano para Pequim.

A chegada dos sistemas pode fortalecer a proteção de instalações militares e nucleares iranianas, que foram alvo de ataques israelenses e americanos nos últimos meses. Analistas avaliam que o reforço também aumenta o custo de eventuais novas operações aéreas contra o país.

Após pausa de 5 dias, Trump retoma bombardeios no Oriente Médio

Após uma pausa de cinco dias, os EUA voltaram a bombardear diretamente o Irã na madrugada desta quinta-feira. A ação foi uma retaliação pelo ataque de Teerã contra forças americanas na Jordânia, ocorrido na quarta. O presidente Donald Trump havia antecipado os ataques, assim como sua natureza, horas antes na Casa Branca. “Então agora é nossa vez”, disse a repórteres. Segundo o Comando Central das Forças Armadas dos EUA, responsável pelo Oriente Médio, os alvos foram centros de comando e instalações de drones da Guarda Revolucionária.

Ato contínuo, o Irã voltou a lançar mísseis e drones contra instalações americanas na Jordânia e no Kuwait nesta quinta. Com isso, está retomado, como disse Trump, o padrão de ataques de lado a lado, sem a volta de um conflito amplo.

Trump havia decretado a pausa na sexta-feira, dia 24, para retomar o que chamou de “conversas amigáveis” com Teerã, que negou o contato e manteve ataques a bases americanas na região.

Segundo disse nesta quinta o governo do mediador Paquistão, as negociações de fato estão em curso

lentamente, apesar dos ataques. As ações militares são uma espécie de linguagem entre os rivais: buscam demonstrar força enquanto debatem os temas centrais, já que a permanência do regime em Teerã parece assegurada por ora.

São eles o controle e o trânsito de navios no Estreito de Ormuz, o programa nuclear dos aiatolá e a segurança regional, para simplificar. O primeiro item emerge como o mais urgente, dado o impacto no mercado de petróleo e gás natural liquefeito, que tinha no estreito a via de passagem de 20% da produção mundial das commodities antes da guerra.

Nesta quinta, o governo iraniano afirmou que seguia em discussão com Omã, cujas águas territoriais cobrem metade do estreito, para estabelecer uma forma de controle conjunto que incluía a cobrança de pedágio para as cargas que por lá passarem. Os EUA e seus aliados árabes no Golfo Pérsico publicamente não aceitam isso, mas já deram vários sinais de que poderiam ceder. Quando Trump assinou um cessar-fogo com o Irã em 17 de junho, o memorando não se opunha abertamente ao arranjo.

Milei altera lei para expulsar estrangeiros do país

/ ARGENTINA

Em meio a uma onda anti-Argentina desatada durante a Copa do Mundo, o presidente Javier Milei alterou por decreto a Lei de Migrações para expulsar ou proibir a entrada de estrangeiros que tenham proferido “mensagens de ódio” contra a população do país ou seus símbolos pátrios.

“Diante das recentes manifestações de hostilidade contra a República Argentina e os argentinos, o governo nacional reafirma que a defesa da nação, de seus cidadãos e de seus símbolos não é negociável. Quem ataca a República Argentina não é bem-vindo

em nosso país”, afirmou a Casa Rosada ao anunciar a medida.

No decreto, o governo justifica a ação afirmando que “aumentaram consideravelmente as mensagens de ódio e atos de hostilidade e menosprezo dirigidos especificamente contra o povo argentino, sua cultura e sua identidade nacional” e apela à Convenção Americana sobre Direitos Humanos, que limita a liberdade de expressão quando há “apologia ao ódio nacional, racial ou religioso que constitua incitamento à violência”.

Agora, o artigo 29 da Lei de Migrações, que define quem será proibido de entrar na Argenti-

na, incluirá aqueles que tenham “proferido discurso de ódio oralmente ou por escrito, ou incitado violência contra o povo argentino como um todo, ou contra qualquer cidadão argentino, motivado por sua nacionalidade”, ou que tenham “cometido ou participado de atos de profanação de símbolos nacionais”.

O trecho faz uma ressalva a “expressões de dissidência ideológica ou de crítica política, acadêmica ou cívica que constituam um exercício legítimo de direitos constitucionalmente consagrados”. Por ser um decreto, a regra passa a valer a partir desta sexta-feira.